

LEJEUNE, Philippe. *Autogenèses: Les Brouillons de soi 2*. Paris: Seuil, 2013.

## UM PUZZLE DE RASCUNHOS DE SI

“AUTOGENÈSES”, DE PHILIPPE LEJEUNE

Ana Amelia Coelho Pace<sup>1</sup>

Georges Perec abre sua *Vida modo de usar* com um preâmbulo. Nele, faz considerações sobre os quebra-cabeças, os *puzzles*, atentando inicialmente para a aparente banalidade do jogo. Essa pouca importância se estenderia para as suas peças: “considerada isoladamente, a peça de um *puzzle* não quer dizer nada” (PEREC, 2009, p. 11). Ela vale pela relação tramada com as outras, nos encaixes possíveis a partir de seus diferentes tipos e formas – montadas, em conjunto, as peças desaparecem, dando lugar à estrutura de que fazem parte. Ainda assim, é justamente nesse movimento de encaixe que se encontra o desafio do *puzzle*, a cilada. No momento da criação: “não é o assunto do quadro nem a técnica do pintor que fazem a dificuldade do *puzzle*, mas a sutileza do corte” (PEREC, 2009, p. 12). O recorte da paisagem não deve ser aleatório, mecânico como feito por uma guilhotina, mas pensado com rigor. Assim, cada pecinha carregará armadilhas que os bons jogadores tanto apreciam. Isso porque:

apesar das aparências, não se trata de um jogo solitário – todo gesto que faz o armador de *puzzles*, o construtor já o fez antes dele; toda peça que toma e retoma, examina, acaricia, toda combinação que tenta e volta a tentar, toda hesitação, toda intuição, toda esperança, todo esmorecimento foram decididos, calculados, estudados pelo outro (PEREC, 2009, p. 14).

Ora, mesmo irrisória se considerada à parte, cada peça de um bom *puzzle* deve trazer os diferentes matizes e formas da estrutura que compõe. Além disso, deve fazer com que o jogador acredite que ela faz parte de uma série de encaixes possíveis. Como explica Perec, “a resolução do *puzzle* consistirá simplesmente em tentar, uma após outra, todas as combinações plausíveis” (PEREC, 2009, p. 13). O jogador se aplica, então, meticulosamente, a percorrer um caminho de descoberta já trilhado por outro – e que será refeito, seguramente, por um outro jogador, igualmente seduzido pelas cores e cortes das inúmeras pecinhas.

A imagem de um *puzzle* contínuo, de um jogo aparentemente simples mas repleto de sutilezas, pode ilustrar um estudo em literatura. Movido por um enigma a ser solucionado, o pesquisador busca a constituição de uma paisagem, a partir de pequenas e variadas peças – outros textos, documentos e leituras, sobre os quais se debruça. Por mais que se encontre solitário em sua escrivaninha de trabalho, ele enfrenta questões já lançadas por outros leitores e escritores – e muitas vezes por si mesmo, no passado.

Nessa variedade dos possíveis – e mesmo na gama de oposições, contradições e paradoxos – reside o propósito desse tipo de trabalho. Estaríamos então diante de um jogo no qual a posição das peças, bem como os papéis de construtor ou jogador, são permutáveis, aglutinam-se e desdobram-se.

O leitor que acompanha a trajetória de Philippe Lejeune percebe, de uma obra a outra, os contínuos movimentos de releitura e reformulação que o crítico empreende em seus próprios textos. Olhando

<sup>1</sup> Mestre pelo Programa de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês pela FFLCH-USP; membro do grupo de pesquisa Criação e Crítica e da comissão executiva da revista Criação & Crítica. E-mail: [anameliacoelho@gmail.com](mailto:anameliacoelho@gmail.com).

retrospectivamente seus trabalhos passados, o texto que se escreve no presente incorpora as experiências, os erros, dúvidas e certezas de antes, dando-lhes uma nova forma. É como se, com o tempo, tivéssemos a possibilidade de acompanhar as transformações da paisagem daquele *puzzle*, a partir de uma nova disposição das mesmas pequenas peças.

Não será diferente a leitura de *Autogenèses*, que se apresenta como uma continuação de *Les Brouillons de soi* (1998), conforme indica o subtítulo. Mesmo o neologismo “autogênese” já figurava em *Brouillons de soi*, num dos textos em que Lejeune refletia sobre seu percurso intelectual e seus trabalhos em crítica genética.

Eis a perspectiva que toma o primeiro plano do volume recém-lançado: os estudos são vistos como “canteiros”<sup>2</sup>. Apresentados sob um ponto de vista pessoal, em que se mesclam a constituição de dossiês, a análise de textos, a reflexão teórica e o relato crítico-autobiográfico. Nas palavras de Lejeune, “na origem de qualquer estudo genético, há um acontecimento. E, por trás desse acontecimento, um desejo. [...] Um geneticista é necessariamente um apaixonado. Ele faz interpretações, hipóteses. Ele está à procura de um segredo”<sup>3</sup>. De maneira geral, ele dá prosseguimento às suas investigações sobre os escritos pessoais – diários de escritores e pessoas anônimas, recolhidos em arquivos e bibliotecas, objetos que predominam em sua produção mais recente.

O tom dominante da primeira parte do livro é o relato: Lejeune apresenta as circunstâncias que o levaram ao estudo de textos autobiográficos de Sartre, Sarraute, Anne Frank, Claude Mauriac e Perec. Eles se constituem como prolongamentos de seus trabalhos anteriores, como já havia comentado anteriormente:

[esses estudos], eu os empreendi sem um propósito planejado. Foi uma série de acasos: o convite para fazer parte da equipe Sartre do ITEM, um seminário sobre Perec, ter assistido a uma conferência de Georges Raillard sobre os manuscritos de *Infância*, o lançamento de uma edição crítica dos Diários de Anne Frank. Mas não há acaso... Um olhar lançado para trás me revela que essa curiosidade vem de longe<sup>4</sup>.

Assim, estamos tratando de estudos em crítica genética complementares a outras frentes de trabalho. Em paralelo ao trabalho em torno do pacto autobiográfico e da escrita de diários, podemos relacionar os estudos em crítica genética de Lejeune, iniciados em meados dos anos 1980, a um momento de transição, ou deriva, como ele mesmo define, de suas atividades e interesses.

Somos apresentados a alguns pontos-chave dessa deriva: nos anos 1970, Sartre é o centro de um documentário no qual ele relata suas experiências e analisa seu percurso intelectual – esse relato coloca em xeque a composição de *As palavras*, que ele havia analisado anos atrás. Os estudos sociológicos, baseados

<sup>2</sup> Por *canteiro*, em português, designamos o terreno destinado ao cultivo de plantas, como uma horta ou jardim; sob a locução *canteiro de obras*, referimo-nos ao local anexo a uma construção, com seus materiais e equipamentos. Emprego o termo *canteiro* para traduzir *chantier* em suas mais variadas acepções e desdobramentos: obra em execução, oficina, espaço de trabalho, *work in progress*.

<sup>3</sup> “[...] à l’origine de toute étude génétique, il y a un événement. Et derrière cet événement, un désir. [...] Un généticien est forcément un amoureux. Il a des interprétations, des hypothèses. Il est à la recherche d’un secret” (LEJEUNE, 2013, p. 15).

<sup>4</sup> “je les ai entreprises sans propos concerté. Ce fut une série de hasards : l’invitation à faire partie de l’équipe Sartre de l’ITEM, un séminaire sur Perec, l’écoute d’une conférence de Georges Raillard sur les manuscrits d’Enfance, la parution d’une édition critique des Journaux d’Anne Frank. Mais il n’y a pas de hasard... Un regard en arrière me révèle que cette curiosité remonte loin” (LEJEUNE, 1998, p. 143).

em relatos orais, começam a despontar, levantando questões sobre autoria e o pacto. Os manuscritos de um antepassado seu, Xavier-Édouard Lejeune, à primeira vista ingênuos, levantam ambiguidades que demandam um estudo detalhado. Assim, passa-se de um estudo detido no literário para explorar campos conexos da autorrepresentação.

Explorando arquivos em busca de escritos de pessoas comuns, Lejeune se aproxima de pesquisadores em crítica genética. Integra na década de 1980 uma equipe do Instituto de Textos e Manuscritos Modernos (ITEM)<sup>5</sup>, encarregada dos manuscritos de *As palavras*, de Sartre. Deixa a equipe quando o trabalho é concluído e seus integrantes passam a trabalhar com os textos teatrais do filósofo. Ao mesmo tempo, sob sua sugestão, é criada uma equipe de pesquisa transversal no ITEM, “Genèse et autobiographie”, coordenado por Catherine Viollet.

Mesmo trabalhando de maneira isolada dessa equipe, as preocupações teóricas de Lejeune lhe são semelhantes: quais os traços específicos do trabalho escritural de alguém que escreve sua autobiografia, que mantém um diário ou correspondências? Em que essa escrita difere da composição de romances ou poemas, por exemplo? Tendo essas questões em mente, o estudioso toma como objeto materiais de natureza diversa, produzidos nos períodos os mais variados: da autobiografia inaugural de Rousseau, passando pelos diários e cadernos de uma escritora do século XIX, uma gravação em áudio, agendas, diários e cadernos de escritores do século XX, bem como os primeiros escritos pessoais de uma criança na década de 1970.

Empreendendo ao mesmo tempo um estudo de genética e de recepção, Lejeune revisita as primeiras edições das *Confissões* de Rousseau, em busca das supressões efetuadas por editores e impressores que detinham os manuscritos originais. Percorrendo também correspondências entre as pessoas envolvidas na publicação do texto, percebe-se que os cortes são censuras a episódios considerados obscenos ou vergonhosos (como a ejaculação do mouro em Turim ou o exibicionismo das partes íntimas de Jean-Jacques frente às lavadeiras), que poderiam prejudicar tanto a imagem de Rousseau como as das personalidades a que faz menção.

Se por um lado dirigimos um olhar condescendente a essa decisão dos primeiros editores, Lejeune faz questão em ressaltar que a censura a Rousseau, em nossos dias, persiste sob outras formas, outras que a supressão pura e simples. Dentre elas, o antologismo (as edições integrais são preteridas, em nome da leitura de trechos escolhidos), o silêncio crítico (apenas alguns episódios levantam interesse dos pesquisadores e leitores) e o incômodo da reciprocidade do pacto lançado pelo texto, isto é, a recusa em pensarmos em nossas próprias ações vergonhosas (LEJEUNE, 2013, p. 87). Nesse sentido, Lejeune prolonga algumas de suas primeiras leituras das *Confissões*, quando abordou, de maneira minuciosa, episódios que haviam sido relegados a uma “recusa da crítica”<sup>6</sup>.

Com relação à Marie d’Agoult, Lejeune constitui um dossiê de preparação da autobiografia da escritora, que permaneceu inacabada. Trata-se de explorar a “gênese de um fracasso” (LEJEUNE, 2013, p. 39) – em outras palavras, as barreiras que impediram que d’Agoult levasse a cabo seu projeto autobiográfico, a respeito do qual ruminava em seus inúmeros cadernos e diários, bem como colocava em discussão na

<sup>5</sup> ITEM é um centro de pesquisa francês, criado em 1982, a partir da iniciativa de um grupo de germanistas, que trabalhavam em torno dos manuscritos de Heinrich Heine, pertencentes ao acervo da Biblioteca Nacional da França. Hoje, reúne pesquisadores em literatura e linguística, bem como das artes, em torno do estudo do processo de criação de obras literárias, linguísticas, científicas, filosóficas e artísticas. Cf. o site do instituto: <<http://www.item.ens.fr>>.

<sup>6</sup> Refiro-me sobretudo a “La punition des enfants, lecture d’un aveu de Rousseau” e “Le livre I des Confessions”, publicados em *Le pacte autobiographique* (1975, p. 49-163), bem como a “Le peigne cassé” (revista *Poétique* 25, 1976, p. 1-29).

correspondência com amigos. Em seus escritos, observa-se o que Lejeune denomina uma “gramática da autobiografia” – um saber (*know-how*) sobre a prática autobiográfica comum a outros que se lançam, como ela, nesse tipo de empreendimento.

Alguns movimentos seriam, então, compartilhados por tantos outros autobiógrafos. Num primeiro momento, temos a deliberação, a construção de um projeto de escrita; o recolhimento de informações e documentos; a busca por um sentido, sob a forma de uma imagem ou episódio-chave, em torno da qual gravitará o relato. Passando à escrita propriamente dita, é preciso escolher o título e indicações paratextuais, o tom enunciativo, a ordem (temática, cronológica) e o estilo. A construção dessa identidade é complementada por dois outros movimentos: um de abertura (em relação com outros textos autobiográficos, citações, referências e visões de mundo), outro de fechamento (supressões, censura e silêncio ao que compromete a outras pessoas).

Partindo do caso de d’Agoult, dando uma dimensão ampla aos seus achados, Lejeune reinventa o mecanismo do pacto autobiográfico, a saber: a atitude de um autobiógrafo se define por sua busca pela verdade, por um engajamento que se reveste de uma responsabilidade social em torno daquilo que escreve (LEJEUNE, 2013, p. 133) – busca e engajamento que podem até mesmo frustrar o próprio projeto de autobiografia.

O canteiro seguinte se mostra como um estudo à primeira vista incomum. Paul Léautaud relata em seu diário, em 5 de setembro de 1950, uma conversa com Julien Benda, fruto de um encontro casual na Radio France naquele mesmo dia – conversa essa gravada sem que os dois interlocutores soubessem. Assim, o dossiê não é composto por textos e prototextos no sentido corrente para a crítica genética, mas por um registro sonoro e um diário; em outros termos, Lejeune compara um texto (o diário) ao seu referente (uma conversa, gravada e transcrita). O estudioso analisa quais deslocamentos, inversões e supressões Léautaud opera ao relatar a conversa no diário.

Indo além da análise desses movimentos, o interesse em confrontar os dois materiais está no fato de que “não somente o diário fixa a conversação, mas é a conversação que se nutre das reservas do diário, num vai-e-vem inextricável”<sup>7</sup>. Isso porque Léautaud, em sua conversa com Benda, comenta assuntos sobre os quais escreveu anteriormente no diário, repetindo frases presentes no diário, como se fossem citações veladas. Recorrendo à imagem da osmose, Lejeune aponta como a escrita do diário se alimenta das práticas discursivas cotidianas e vice-versa. Visto como registro de acontecimentos, laboratório de escrita, cabe assinalar que “o diário não é uma atividade narcísica e estéril, mas um treinamento solitário para a vida social”<sup>8</sup> – perspectiva que entra em consonância com suas pesquisas e militância em favor da preservação e leitura dos escritos pessoais<sup>9</sup>.

Complementando o estudo *La Mémoire et l’oblique* (1991), Lejeune encerra sua investigação em torno da montagem e da redação final de *W ou a memória da infância*, de Perec – retomada que se justifica pelo surgimento de novos materiais para o dossiê: uma carta, um manuscrito e a redescoberta de uma agenda do escritor. Nela, o autor anota não somente os eventos da rotina diária, mas os deslocamentos operados nas

<sup>7</sup> “[...] pas seulement le journal qui fixe la conversation, c’est la conversation qui pompe dans les réserves du journal, dans un va-et-vient inextricable” (LEJEUNE, 2013, p. 43).

<sup>8</sup> “le journal n’est pas une activité narcissique et stérile, mais un entraînement solitaire à la vie sociale” (LEJEUNE, 2013, p. 188).

<sup>9</sup> Desde 1991, Lejeune participa da Association pour l’autobiographie et le patrimoine autobiographique (APA) [Associação pela autobiografia e o patrimônio autobiográfico], em Ambérieu-en-Bugey, França. Seus objetivos principais são acolher, arquivar e preservar escritos autobiográficos de todo e qualquer interessado, permitindo que sejam lidos e comentados, abrindo um espaço de diálogo até então difícil de ser colocado em prática. Cf. <<http://www.sitapa.org>>.

três séries de textos que compunham a obra (uma ficcional, uma de suas lembranças e um “intertexto”, em que se colocava em evidência a ligação entre as duas primeiras) e que se fusionam em duas. A terceira série é abandonada; essa “história da gênese” é incorporada às duas primeiras séries. A mudança de plano acontece depois do espaço de aproximadamente quatro anos. Consta-se, então, que Perec pôde superar um bloqueio de escrita. Ainda assim, “a ideia de passar de três séries para duas foi a causa ou a consequência do desbloqueio?”<sup>10</sup> Para Lejeune, o escritor não conseguia sustentar a estrutura em que suas lembranças e o intertexto se encontravam apartadas. Foi no embate da montagem, no confronto com a própria escrita, que se revelou a composição binária de *W*.

Nesse estudo, acompanhamos um trabalho minucioso em duas dimensões: tanto os movimentos de escrita de Perec como a investigação atenta que se empreende em torno dos rastros deixados pelo escritor. O pesquisador busca preencher, com suas hipóteses, os espaços que permaneceram em branco. Como percebe Lejeune, reconstituir o processo de criação de uma autobiografia como *W* levanta ao crítico um desafio, que se aproxima de uma nova criação ou mesmo da interpretação de uma música de outro compositor – como uma reescrita da obra que se lê.

Essa sobreposição de planos de escrita e leitura também se manifesta nos estudos em torno de Claude Mauriac e seu projeto autobiográfico. Em *Le temps immobile*, Mauriac empreende, ao longo de anos (entre 1968 e 1996), um “mergulho” contínuo em leituras sobrepostas de seus diários – isto é, as entradas do diário se referem à leitura de trechos do próprio diário, já escritos no passado. Dessa longa obra, em vários volumes, Lejeune se concentra num trecho, buscando o ponto de origem do projeto – em que momento se deu o primeiro mergulho. De maneira semelhante a tantos outros estudos seus, Lejeune se apropria das formas de escrita de seu objeto. Levado pelos mergulhos de Mauriac, pergunta-se: “como transmitir rapidamente o que vivi e compreendi? Eis o prazer e a tortura dos estudos genéticos”<sup>11</sup>. O que veremos será um resultado de uma busca pessoal em seus próprios arquivos e diários, numa tentativa de compreender seu interesse particular por uma obra tão labiríntica e fechada em si mesma.

Buscar as origens de um projeto de escrita é igualmente o objetivo do estudo dos diários e cadernos de infância de Arianne Grimm. Lejeune procura identificar as estratégias de escrita que levam ao aprendizado da linguagem dos diários. A partir dos sete anos, ou seja, logo a partir dos primeiros momentos de alfabetização, a garota Arianne inicia diversas tentativas de diário, sob a forma de cadernetas, calendários ou textos mais desenvolvidos; convive também com outras modalidades de escrita pessoal: bilhetes, correspondências, assim como os trabalhos de escola. Nesse aprendizado múltiplo, ela consegue dominar a disciplina e a constância que demandam a manutenção de um diário, prática que vai acompanhá-la durante a vida. Para Lejeune, esse estudo é apenas um ponto de partida, para outros que se lancem em documentos semelhantes, ainda pouco explorados.

A terceira parte de *Autogenèses* se constitui menos como ponto de conclusão do que abertura, ao reunir reflexões teóricas sobre os diários. Tomando-os sobretudo como uma prática, um trabalho contínuo de escrita, Lejeune se dedica a três questões centrais: de que maneiras a crítica genética pode abordar os diários; como pensar a ideia de encerramento de um diário; o diário e suas relações com a ficção, a autoficção e autobiografia.

<sup>10</sup> “l'idée de passer de trois séries à deux était-elle la cause ou la conséquence du déblocage?” (LEJEUNE, 2013, p. 196).

<sup>11</sup> “comment transmettre vite ce que j'ai vécu et compris? C'est le délice et la torture des études génétiques” (LEJEUNE, 2013, p. 242).

Caminhando nessas direções, Lejeune trata de aspectos comuns: o caráter autorreferente de uma escrita que se debruça sobre si mesma, as diferentes finalidades e horizontes de expectativa que motivam o projeto de um diário. Em toda a gama de variações, sobressai a lei primordial do diário: a inevitável passagem do tempo, os limites impostos pelo calendário. Quem escreve um diário aceita o pacto com a passagem do tempo, mesmo que imprevisível e incontrolável.

Ler *Autogenèses* é acompanhar diversos trabalhos de escrita, ao mesmo tempo paralelos e específicos. Num movimento de renovação e retomada constantes, de continuidade e descontinuidade, constitui-se a escrita e a leitura de Lejeune. Sua *autogenèse* se compõe de diversas peças. Como no jogo de *puzzle* de que fala Perec, cada pequena peça, com suas formas e nuances, valem menos isoladas do que pelas suas possibilidades conjuntas de encaixe. E, como todo jogo, está sempre por recomeçar.

## REFERÊNCIAS

LEJEUNE, Philippe. *Les Brouillons de soi*. Paris: Seuil, 1998.

PEREC, Georges. *A Vida modo de usar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RESENHA RECEBIDA EM: 31 jan. 2013.

RESENHA ACEITA EM: 20 abr. 2013.

REFERÊNCIA ELETRÔNICA: PACE, Ana Amelia Coelho. Um *puzzle* de rascunhos de si: “Autogenèses”, de Philippe Lejeune. *Revista Criação & Crítica*, n. 10, p. 126-131, maio 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em dd mmm aaaa.